

RESENHA DE BETTINI, MAURIZIO. **CHI HA PAURA DEI GRECI
E DEI ROMANI?** – DIALOGO E *CANCEL CULTURE*.
TURIM: GIULIO EINAUDI EDITORE, 2023. 172 P.

Review of BETTINI, Maurizio. Chi ha paura dei Greci e dei Romani? – Dialogo e cancel culture. Turim: Giulio Einaudi editore, 2023. 172 p.

DOI: 10.14393/LL63-v42-2024-42

Pedro Falleiros Heise*

RESUMO: Resenha de *Chi ha paura dei Greci e dei Romani? – Dialogo e cancel culture*, de Maurizio Bettini.

PALAVRAS-CHAVE: Bettini. Estudos Clássicos. Diálogo. Cancelamento.

ABSTRACT: Review of *Chi ha paura dei Greci e dei Romani? – Dialogo e cancel culture*, de Maurizio Bettini.

KEYWORDS: Bettini. Classics. Dialogue. Cancel culture.

*Entender é sempre melhor que esquecer,
compreender é sempre melhor que ignorar.*

M. Bettini

Professor de filologia clássica da Universidade de Siena até 2017 (hoje emérito pela mesma universidade), Bettini fundou em 1986 o Centro de Antropologia e Mundo Antigo, sempre na mesma instituição, do qual é diretor. Desde 1992, é professor visitante do departamento de *Classics* da Universidade da Califórnia, Berkeley. Com uma bibliografia vastíssima, nos últimos anos Bettini vem se dedicando à divulgação das culturas grega e romana antigas não só através de livros, mas também por meio de colunas em jornais e uma série de transmissões pela rádio estatal Rai 2.¹

*** Professor de Língua e Literatura Latinas da Universidade Federal de Santa Catarina. ORCID: 0000-0001-6640-6992. E-mail: pedro.fh(AT)ufsc.br.

¹ Por exemplo: <https://www.raiplaysound.it/playlist/ceraunavoltailmito>. Acesso em: 11 dez. 2024.

Seu último livro publicado é *Chi ha paura dei Greci e dei Romani? – Dialogo e cancel culture*, que veio à luz no ano passado. “Quem tem medo dos gregos e dos romanos? – Diálogo e *cancel culture*” é um título aparentemente provocativo, que parece não encontrar correspondência na obra ao longo de sua leitura, obra que se mostra muito mais diplomática do que hostil. Bettini se dirige a dois grupos-alvo: aqueles que defendem os *decolonizing classics* (algo como “descolonizando os clássicos”, sendo “clássicos” o conjunto das culturas grega e romana antigas) junto com os da *cancel culture* (“cultura do cancelamento”), de um lado; de outro, aqueles que se encerram nas famosas “torres de marfim”, fingindo que nada está mudando no campo dos estudos clássicos. O professor italiano busca situar-se entre os dois grupos, procurando o que há de produtivo num e noutro.

Conforme explica no prefácio, os questionamentos levantados nessa obra surgiram por ocasião de um curso ministrado na Universidade da Califórnia, Berkeley, na década de 1990. Já naquela ocasião, o que lhe despertou a atenção foi o caráter eclético de seus alunos (diferente do que costumava encontrar na Itália): estudantes de química, antropologia, literatura comparada, estudos culturais, entre outros. Isso permitiu que a turma não respondesse aos questionamentos propostos com um simples “sim”; muito pelo contrário, o que interessou ao professor foi justamente o ambiente de discussão, mas de discussão saudável, pois estava em vigor o “politicamente correto”. Com efeito, isso ajudou a criar um clima de dissensão sem agressão, algo não muito comum nos dias de hoje.

Contudo, Bettini também mostra uma outra característica do “politicamente correto”, que é o fato de “calar” sobre certos assuntos, que acabam se tornando verdadeiros tabus, o que, por certo, não favorece o diálogo. As palavras a que o professor dá mais importância em seu livro são: diálogo e diferença, que são também, na interpretação do autor, as mais difíceis de se pronunciar atualmente.

Tanto uma quanto outra estão diretamente ligadas às críticas tecidas pelo professor a respeito dos dois grupos acima mencionados, pois ambos, em suas versões mais radicais, defendem a *exclusão*, ou seja, a falta do diálogo e da diferença. No que diz respeito à *cancel culture*, Bettini a define da seguinte maneira:

[...] um movimento de área anglo-saxã que tende a *remover* nomes, símbolos, monumentos ou vestígios de um passado tão “diferente” em relação à visão do mundo compartilhada hoje pela cultura liberal (direitos,

dignidade, recusa da escravidão e do racismo), que se torna inaceitável. Trata-se de um processo de purificação totalmente semelhante àquilo que o politicamente correto pretende realizar em nível linguístico, eliminando termos, morfemas ou expressões que em geral parecem lesivas para com determinadas pessoas (2023, p. 55-6, grifo do autor).

Bettini usa como exemplo o caso de George Berkeley, filósofo irlandês do século XVIII, que dá nome à Universidade da Califórnia. Como se sabe, Berkeley foi “um dos maiores filósofos empiristas ingleses, junto com John Locke e David Hume, considerado um precursor da filosofia e da ciência contemporâneas” (2023, p. 59).

Mas sabemos também que, quando Berkeley chegou aos Estados Unidos, comprou escravos para trabalhar na sua plantação de Rhode Island, e ainda expressou muitas vezes a necessidade de batizá-los para torná-los “escravos melhores”. Ora, sem dúvida essa parte da biografia do filósofo deve ser criticada, uma parte de sua história que ganha espaço graças à *cancel culture*, como diz Bettini: “Prescindindo do caráter positivo, e progressivo, de muitos entre os princípios que animam a *cancel culture*, podemos, no entanto, nos perguntar se este é o modo justo para afirmar (gostaria de dizer ‘implementar’) estes mesmos princípios” (2023, p. 61). Vale dizer: por causa da enorme diferença de pensamento entre a época do filósofo e a nossa, esses personagens são “reduzidos ao silêncio. ‘Diferença’ continua uma palavra difícil de se pronunciar, e a sua substância difícil de manejar. O diálogo se interrompe” (2023, p. 60, grifo do autor). É aqui que entra o problema: o fim do diálogo. No contexto brasileiro, desde a ascensão da extrema-direita ao poder, veio junto com ela o termo “lacrar”, sinônimo de “fim do diálogo”. O aspecto preocupante, a meu ver, é que esse fenômeno não se restringe à extrema-direita, mas é praticado por uma parte das pessoas que se dizem de esquerda.

Voltando ainda ao caso Berkeley, Bettini lembra que, além desses dois dados da biografia do filósofo, é imprescindível lembrar (eis outra palavra tão importante e tão *démodé* atualmente) que foi na Universidade da Califórnia – Berkeley – que surgiu o movimento de contestação dos anos 60 do século passado. Conforme declara:

[...] não há dúvida que, nos dias de hoje, na memória compartilhada, o nome Berkeley ou Universidade de Berkeley evoque imediatamente o “free speech movement” dos anos sessenta, a figura de Mario Savio, Telegraph Avenue, People’s Park, a centelha que da Califórnia se propagou na Europa dando vida a uma das transformações culturais e sociais mais significativas do século passado (2023, p. 61-62).

Portanto, com o cancelamento do nome do filósofo, corre-se o risco de cancelar junto e ao mesmo tempo a memória de um movimento tão importante para as democracias. Movimento sem o qual, muito provavelmente, não haveria a *cancel culture* nem o *decolonizing classics*.

Quanto a este último, uma de suas pautas de reivindicação, de acordo com Bettini, seria que “as páginas de um livro deveriam ser consideradas também à luz de *quem* as escreveu, não apenas em base a seu valor” (2023, p. 67, grifo do autor). Ora, no caso dos autores da Antiguidade greco-romana, como saber com exatidão qual era seu comportamento em vida, se mal sabemos *como* foram suas vidas? E no caso de autores contemporâneos, vamos *excluir* da leitura textos cujos autores não se comportaram da melhor maneira ética possível? E o que fazer com a obra, por exemplo, de um Boaventura de Sousa Santos, um dos nomes mais importantes para o movimento de decolonização, após ter vindo a público a notícia de que está sendo acusado de assédio sexual por algumas de suas ex-alunas? Simplesmente “cancelá-lo”, ou procurar entender o que está acontecendo?

Seja como for, o que parece sobressair desse movimento é o desmantelamento do cânone dos autores clássicos, conforme explica Bettini, “na medida em que a sua própria estrutura estaria inextricavelmente ligada ao imperialismo, ao sexismo, ao racismo e ao colonialismo do Ocidente” (2023, p. 72). Propõe-se, pura e simplesmente, a *supressão* de textos nas escolas e nas universidades, ou então leituras que deveriam ser precedidas do “trigger warning”, ou seja, algo como um aviso que o que o leitor ou a leitora está prestes a ler é de *conteúdo* (sublinho este termo porque de *forma* praticamente não se fala nesse tipo de discurso) passível de ofender ou até mesmo causar um trauma. Um caso concreto citado por Bettini, nos Estados Unidos, é a tentativa de censurar as *Metamorfoses*, de Ovídio, principalmente com um livro lá publicado, cujo título é por si só tendencioso: *Why are we reading Ovid’s handbook on rape?* (“Por que estamos lendo um manual sobre estupro?”).

Essas reflexões, segundo Bettini, dizem respeito sobretudo aos estudantes,

[...] os quais são pensados como pessoas *frágeis*, que devem ser protegidas, consideradas incapazes de reagir com os próprios recursos morais e intelectuais quando por acaso terão que entabular um diálogo com textos que apresentem aspectos críticos ou desagradáveis. Os jovens são vistos um pouco como crianças. Estamos diante de uma pedagogia da proteção moral a todo custo – e realmente dá uma estranha impressão, porque parece como um retorno aos livros só para os grandes, aos textos expurgados, às

películas cortadas, ao “proibido para menores de...” (2023, p. 73, grifo do autor).

Trata-se, em outras palavras, da *infantilização* da sociedade. Vivemos num tempo em que as crianças devem crescer o quanto antes – negando-lhes, assim, a infância –, ao passo que os adultos, sem terem vivido a infância, não têm capacidade de distinguir o que é próprio do mundo infantil e o que é do adulto. Uma das consequências disso, no âmbito dos estudos, é que “se esquece que ler não significa aceitar, e sobretudo que a leitura não é uma doença contagiosa” (2023, p. 74). Com isso, pergunta Bettini, “fazendo regredir jovens adultos a um estágio de tipo infantil, que precisa de salvaguarda, não estão tornando-os, por acaso, mais controláveis?” (2023, p. 74).

Isso tudo faz vir à mente o romance de Philip Roth, *A marca humana*, que conta a história de um professor de *Classics* nos Estados Unidos da década de 1990, mesmo período em que Bettini realizava seus seminários na Universidade da Califórnia. No romance de Roth, Coleman Silk (ainda que afrodescendente) é acusado de racismo por ter usado um termo ambíguo: *spook*, cuja primeira acepção é “fantasma” (pois os dois alunos a quem o professor se refere nunca apareciam em seu curso), mas, nos Estados Unidos, possui uma segunda acepção, pejorativa, para se referir aos “negros” (e, sem dúvida, os dois alunos eram negros). Logo se desencadeia uma perseguição ao professor que é taxado de “racista”, o que leva a seu pedido de demissão da universidade que ele próprio havia ajudado a revitalizar e, para completar o drama, causa a morte de sua esposa por ver o marido em tal situação. Perto do final do romance, Zuckerman, o narrador, se encontra com a irmã de Coleman, Ernestine, também professora, que apresenta um balanço da juventude escolar estadunidense do final do século passado:

No tempo do meu pai, e ainda no meu e no seu, quem fracassava era o indivíduo. Agora é a disciplina. Ler os clássicos é muito difícil, por isso a culpa é dos clássicos. Hoje o aluno afirma sua incapacidade como um privilégio. Eu não consigo aprender essa matéria, então essa matéria deve ter algum problema. E deve ter algum problema também o professor que resolve ensiná-la. Não há mais critérios, senhor Zuckeman, só opiniões. (Philip Roth, *A marca humana*, trad. Paulo Henriques Britto)

Alguns de nós, professores de Latim e de Grego, já devem ter passado por algo semelhante. A política do cancelamento surfa na onda do momento, nesse mesmo momento em que as formações universitárias dos cursos de Letras parecem cada vez mais defasadas,

preocupadas com as “opiniões” dos alunos, os quais, não raro, por julgarem essas disciplinas difíceis (e de fato são), preferem simplesmente cancelá-las de seus currículos. Tão assustador quanto isso, hoje em dia, é perceber que não só os alunos (que, a princípio, estariam na universidade para se formar), mas também professores de outras subáreas de Letras vêm tentando aplicar a cultura do cancelamento no que diz respeito ao Latim e ao Grego. Cursos mais pobres, formações lacunares. Não temos como prever o futuro, mas, se continuar assim, as gerações vindouras de professores vão formar profissionais que atendem às exigências de sua clientela. Não se trata, conforme afirma Bettini, de negar ou fazer de conta que nada está acontecendo como consequência desses movimentos, mas sim de incorporar o que eles têm de criticamente positivo, sem excluir a leitura, a análise e, principalmente, o prazer dos textos antigos.

Referências

BETTINI, Maurizio. **Chi ha paura dei Greci e dei Romani?** – Dialogo e cancel culture. Turim: Giulio Einaudi editore, 2023.

OVÍDIO. **As metamorfoses**. Organização de Mauri Furlan e Zilma Gesser Nunes. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017.

ROTH, Philip. **A marca humana**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Recebido em: 23.08.2024

Aprovado em: 24.09.2024